

A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA PATRIARCAL EM GIBIS

Rosemary Evaristo Barbosa¹

Partindo do pressuposto de que a linguagem remete sempre a um já-dito e é enunciada por meio de um dado contexto, podemos dizer que a forma como ela se apresenta é estabelecida por certas condições de produção, às quais estão associadas à ordem do discurso, cujas referências culturais ocorrem porque ele é produzido por um sujeito ideologicamente marcado e socialmente definido. Por isso, o sentido do seu dizer vincula-se a uma formação discursivo-ideológica correspondente aos referenciais sócio-culturais da sociedade na qual está inserido.

De acordo com Orlandi (1999: 30), as condições de produção dos discursos são o contexto imediato da enunciação. É esse contexto que envolve os sujeitos, a situação e a memória discursiva desses sujeitos numa relação dialógica com a realidade circundante, com a história. Para a autora, é a memória discursiva, o pré-construído, que viabiliza os sentidos, já que é através desse saber discursivo que o sujeito significa as suas palavras.

É por meio do interdiscurso que a memória social é constituída, cristalizada e transformada, tendo em vista que para ela surgir é preciso que a linguagem evoque lembranças de fatos importantes, que essas lembranças sejam cada vez mais vivenciadas (ou seja, os fatos se repitam) e que a transformação dessa memória esteja associada ao desaparecimento de indivíduos que mantiveram vivas as lembranças. Assim, a memória social está ligada a fatores sociais e históricos, porque ela só existe baseada em acontecimentos históricos que se perpetuam no tempo de dada comunidade. Porém, se esses fatos que evocam lembranças se modificarem, as antigas lembranças serão substituídas por outras, porque o pensamento dos indivíduos estará voltado para uma nova realidade.

Desse modo, o dizer, por ser inscrito num determinado tempo e lugar e ser perpassado pela ideologia, vai justamente resgatar manifestações culturais e visões de mundo capazes de defini-lo como marca identitária de uma dada sociedade, pois é reflexo daquilo que existe nela: tradições, manifestações artísticas, comportamentos, credences, religiosidade, valores e costumes. Na verdade, os dizeres vão compreender a cultura por ela estar inserida numa realidade histórica, a qual caracteriza e distingue as sociedades, ou comunidades de falantes, de um modo geral, ou seja, “a diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidades de vida social organizada e registra graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza” (Santos, 2003:15). Assim, devemos compreender a cultura tanto em sua concepção geral, quanto particularidade de um conjunto maior de representação de um povo, pois

¹ Doutoranda da Universidade da Paraíba

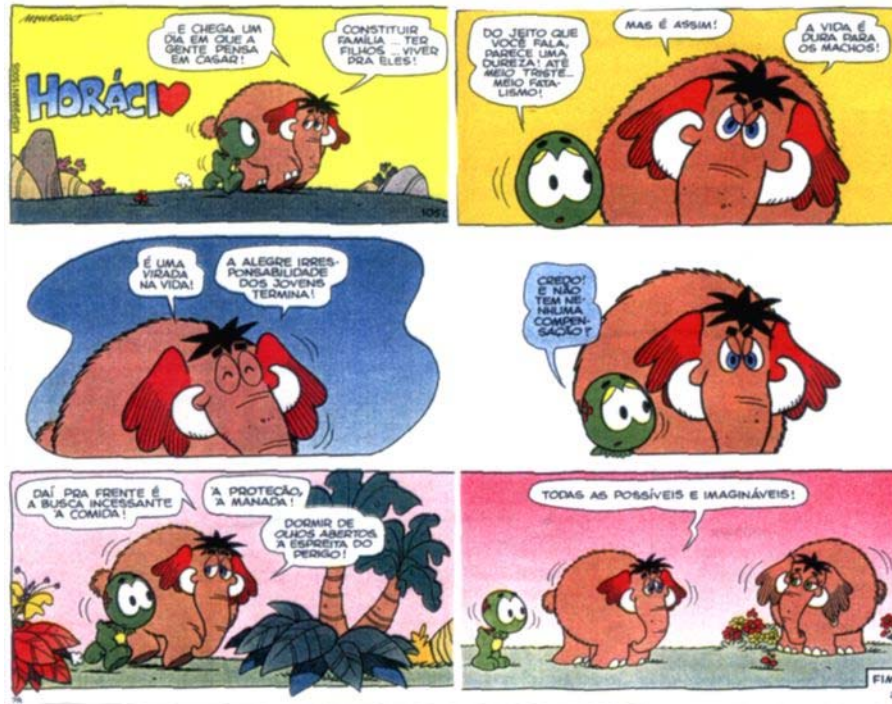
cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. (Id: p.8)

Na nossa sociedade, as manifestações culturais vão cultivar, reforçar e resgatar tudo aquilo que faz parte dos nossos costumes e tradições, os quais são importantes a ela. Por isso a reincidência dos dizeres como produto de uma prática social peculiar, já que a identidade do povo brasileiro está associada a sua constituição social e histórica, que é singular no contexto mundial, como também é singular a identidade dos grupos sociais inserida no contexto nacional. Assim, as identidades culturais serão estabelecidas por meio de sua expressividade e da produção e consumo de bens culturais, mantenedores da memória social.

Mas como se dão a criação e a manutenção de certos fatos na memória? A criação da memória coletiva se relaciona com textos fundadores de mitos, relatos de fatos, enunciados que se apóiam em outros numa relação intertextual, como também interdiscursiva. Ela está em permanente atuação já que as informações, os conhecimentos e os valores são passados e repassados de geração a geração. Porém, a sua manutenção estará atrelada a determinados operadores de memória social como os objetos culturais (livros, imagens, filmes, arquitetura, tv, música, etc.) que são cada vez mais variados, correspondendo à evolução da sociedade de um modo geral. São, pois, esses operadores que resgatam certos mitos, discursos, valores sociais que estão arquivados na mente. Desse modo, a perpetuação de ideologias (idéias preconcebidas, estereótipos, noção de certo e errado, formas de comportamento, constituição de modelos culturais, etc.) se faz, porque há uma reprodução tanto nas relações sociais quanto nos objetos culturais dos fatos importantes de uma comunidade, em dado contexto histórico, por meio dos dizeres e dos comportamentos dos indivíduos que produzem e consomem certos objetos culturais.

Essa perpetuação de ideologias deriva, pois, da constituição da linguagem (que é assimilada e reproduzida de várias formas), que por sua vez gera a consciência humana, influenciando as relações sociais, com base no sistema de valores veiculados por essa mesma linguagem. Portanto, ao utilizarmos qualquer tipo de linguagem verbalizada estaremos produzindo discursos, os quais transmitirão visões de mundo de ordem positiva e negativa, correspondentes a nossa cultura.

Portanto, a fim de observarmos como as marcas culturais e os valores sociais são definidores de identidades, analisaremos uma história em quadrinho da revista Turma da Mônica.



Como podemos observar, o discurso machista é veiculado pelo elefante pré-histórico em conversa com Horácio. Ele representa a figura do homem criado em meio às convenções de sociedades patriarcais, por isso seu discurso revela as visões de mundo de uma cultura, que é histórica e antiga (ou até mesmo pré-histórica).

A concepção do homem como o cabeça da família, chefe do lar, responsável pela proteção e alimentação da esposa e dos filhos ainda é nutrida em nossa sociedade, principalmente em algumas regiões em que a cultura patriarcal está mais arraigada e enraizada. Isto ocorre porque a cultura tem uma lógica própria, que corresponde ao lugar onde está inserida, cuja alteração ou manutenção de sua ordem é correspondente ao modo como as relações humanas se dão, criando, reforçando ou modificando as categorias culturais. E, dependendo do desenvolvimento tecnológico, as modificações serão mais visíveis ou menos visíveis, tendo em vista que a modificação sempre ocorre, porém numa proporção delimitada pela mudança cultural interna (que pode ser lenta) e pelo contato de um sistema cultural com outro (que pode ser mais rápido e brusco).

Podemos então afirmar que nessa história há certos valores que são recorrentes de práticas sociais antigas, provando que as alterações no seu sistema de valores ainda são lentas, já que são colocadas toda a responsabilidade do casamento e a constituição de uma família como próprias do homem. Esta imagem criada da família “perfeita”, tradicional, na verdade, convive com outros modelos de estrutura familiar e de relacionamento amoroso, no entanto, os valores predominantes são aqueles tidos como verdadeiros, por isso haver resistência em aceitar outras normas de convivência matrimonial, o que resulta na manutenção do discurso machista.

Portanto, cabe ao homem exercer a função macho, que é caracterizado como um sujeito corajoso, batalhador e vigilante: a vida da sua “manada” está associada a sua força e poder – algo inerente ao homem (cultural e ideologicamente falando). No entanto, ao mesmo tempo em que o elefante pré-histórico assume a sua posição social diante da realidade, tem consciência que, para ele, a vida sempre será difícil, porque “a vida é dura para os machos!”. Essa concepção deriva justamente da própria ideologia assimilada no decorrer da vida: se, para casarem e viverem submissas, as mulheres precisam abdicar de seus objetivos e seus desejos para servirem aos seus “homens-machos”, estes, por sua vez, também sofrem algumas coerções do contexto social, pois sua função estará sendo sempre colocada à prova.

Mas se nem tudo são flores, há compensações: “todas as possíveis e imagináveis”. Desse modo, apesar das dificuldades enfrentadas, ainda é gratificante para o homem ser o chefe do lar, ter a última palavra, trabalhar incansavelmente para alimentar a família, estando sempre disposto a proteger os seus filhos e esposa, pois esses valores ainda são enaltecidos em nossa sociedade.

Como podemos verificar, o acesso a um determinado tipo de discurso está restrito a certas exigências que sua própria ordem estabelece – o que envolve questões sociais, culturais e ideológicas. O que vai garantir a inserção de um sujeito nas regras do dizer é justamente o ritual, pois ele determina papéis preestabelecidos, que definem formas de comportamento, vocabulário, circunstâncias, formas de persuasão, etc., que devem ser assumidos e praticados sempre que um discurso específico for proferido – já que ele está associado à prática social e à instituição que a origina. É o que demonstra o discurso do personagem elefante pré-histórico, cuja voz é reflexo de uma prática social.

Vale salientar ainda que, associados às imagens do marido e pai “exemplar”, encontramos outros referenciais ideológicos e culturais, cujas vozes são “apagadas” pelo enunciador, uma vez que a virilidade masculina apenas associa-se à procriação – aludindo, assim, ao discurso religioso que, segundo as leis divinas, autoriza o ato sexual apenas para a procriação: “crescei e multiplicai”, mesmo fazendo parte da nossa memória social a concepção que o poder da virilidade também se relaciona à seleção da mulher virgem para o casamento e aos relacionamentos amorosos extra-conjugais.

Como em nenhum momento e em nenhuma história das revistas Turma da Mônica aparecem os temas do adultério e da separação – o que revela para nós a preocupação do enunciador em manter vivos certos valores importantes à boa convivência familiar e, conseqüentemente à vida social – os discursos apresentados revestem-se de outros sentidos, cujos valores atribuem ao homem determinadas características: ele precisa ser macho, corajoso, forte e saber chefiar sua família, como também ser fiel a sua esposa, aos seus filhos, porque sua vida girará em torno da vida deles – o retrato da família “perfeita”, veiculado nas revistas em quadrinhos como reflexo de uma prática social que identifica a nossa cultura sob os parâmetros dos valores patriarcalistas, no que diz respeito às funções desempenhadas pelo homem brasileiro, em pleno século XXI.

Diante do que foi analisado e exposto, podemos afirmar esta história retratou posicionamentos do enunciador, que revelou por meio dos quadrinhos suas visões de mundo, suas preferências e conceitos diante dos fatos apresentados.

Desse modo, pudemos deduzir que: as práticas sociais (re)criadas nas revistas em quadrinhos reforçam concepções culturais, visto que visões de mundo apresentaram-se de acordo com a situação construída pelo enunciador. Além disso, há discursos que veiculam

estereótipos do “homem-macho”, principalmente relacionados ao aparelho ideológico família.

O resultado a que chegamos mostra claramente que os valores veiculados nessa história são produto de práticas sociais internalizadas e reproduzidas no decorrer de um contexto sócio-histórico-ideológico. E a forma como esses valores foram evidenciados salienta visões de mundo correspondentes a uma memória social, que compõem o cenário cultural brasileiro. Portanto, a recorrência desses valores contribui para a construção e organização de idéias que reforçam certas práticas sociais, perpetuando-as por meio da interdiscursividade e da comercialização do bem cultural: a revista em quadrinhos.

Todos os discursos encontrados fazem parte do contexto social, da memória discursiva de um povo, que pensa e age de acordo com regras, leis e convenções, as quais são criadas com base no nível fenomênico da realidade. Desse modo, assim como o sujeito Maurício de Sousa, aprendemos a pensar e agir de acordo com as práticas sociais cultivadas pelas instituições sociais com que temos contato. Somos regidos pela estrutura social, pela cultura, pela história a que pertencemos.

Por ser o autor de *A Turma da Mônica* um sujeito histórico e ideológico, suas narrativas, com suas respectivas personagens, trazem para a literatura em estampas, além de seu traço e a sua marca particular de criação artística, a tradução de um conteúdo que habita na memória discursiva de um sujeito sócio-histórico e constrói, através do espaço discursivo, a constituição de sentidos já existentes no complexo lingüístico de dada formação discursiva, perpassada pela ideologia, da qual não estamos isentos.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre [et al]. **Papel da memória**. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 7. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural**. Tradução: Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- SANTOS, José dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- TURMA DA MÔNICA. Mês de abril, nº 150, ano 1999.

